nara roesler

àkùkọ, eiyéle e ekodidé – uma revoada de **alberto pitta**

curadoria galciani neves

abertura
2 de setembro, 2025

exposição
set – dez, 2025

àkùko, eiyéle e ekodidé — uma revoada de alberto pitta

galciani neves

É por causa da matéria que faz a vida acontecer que a gente “poderá”, “queimará” e “brilhará”. Apesar de tudo, “a força é bruta”, e “o afeto é fogo”, canta Gilberto Gil. Para fechar a trilogia *Ré*, composta pelos álbuns *Refazenda*, de 1975, *Refavela*, de 1975, e *Realce*, de 1979, Gil queria celebrar com a música homônima a efervescência das multidões e a ebulição das subjetividades durante momentos de encontro, além de ressaltar toda a beleza que pode viver o ser humano quando os direitos à dignidade e ao “salário mínimo de cintilância” são garantidos. O prefixo “Re”, segundo ele, cumpriria a tarefa poética e política de restaurar o que nos informa como gente, de reconstituir as essências da vida, de recuar e revisitar as origens para que possamos nos ver com mais nitidez no presente.

A revoada de trabalhos de Alberto Pitta se inspira e, ao mesmo tempo, se origina de um lugar caracterizado, como narra Gil em *Realce*, pelo senso de coletividade, onde as pessoas convivem e se reiteram em suas diversidades, onde fortalecem conexões entre si e entre as coisas boas da vida. Importante pontuar: no contexto contemporâneo, muito se pode conhecer do trabalho de um artista a partir de uma visada em seu ateliê — o modo como organiza seus materiais, como a arquitetura se constitui para acolher as necessidades de suas linguagens, como o artista dispõe seus arquivos e referências, como se dá o fluxo de agentes participativos em seus projetos, como elege dispositivos para organizar seus processos, como o espaço de trabalho interage com a cidade e seu entorno mais imediato, e com que manifestações sociais, políticas e culturais se relaciona.

O trabalho de Pitta é criado num lugar onde as pessoas alimentam a vibração constituidora da vida em comunidade, onde a manutenção do cotidiano se conduz iluminada por dignidade e liberdade. Viver assim faz com que a arte que se produz ganhe outros contornos: a matéria plástica se reveste da vivacidade dos encontros e é porosa à energia do lugar. O ateliê de Pitta é um lugar de trabalho imerso num ambiente de resistência e alegria onde arte, educação, espiritualidade, música e cultura se encontram como instrumentos e vivências comunitárias, numa movência de troca e mistura: cada atividade carrega a outra, se comove com as especificidades da outra, e, assim, todas se mesclam. Uma possível analogia seria a descrição de uma “sala de aula democrática” por bell hooks: um espaço para conferir “apoio à vida e expansão da mente”, com práticas que privilegiam a espiritualidade, o amor na educação e o enfrentamento ao racismo, cuja intenção é tornar os indivíduos mais atentos para fazerem escolhas de forma crítica e consciente.

Localizado no bairro do Pirajá, em Salvador, o ateliê de Pitta habita o mesmo espaço do Instituo Oyá, fundado por Mãe Santinha de Oyá em 1990. Ali já existia há alguns anos o Terreiro Ilé Axé Oyá. O instituto nasceu com vocação educativa, oferecendo programação de arte-educação e aulas de reforço escolar para as crianças da vizinhança. Pitta já trabalhava com criações visuais estampadas em vestimentas para blocos de Carnaval desde o final dos anos 1970; na década de 1980, passou a produzir estampas para o Olodum. Em 1998, quando criou o Cortejo Afro, o Instituto ganhou mais força ao diversificar suas atividades: cursos de corte e costura, oficinas de estamparia, aulas de música e capoeira. O ateliê de Pitta brotou do âmago dessas atividades e cresceu porque tudo acontecia junto, com a vibração das pessoas que frequentavam e conviviam com todo esse ecossistema. Atualmente, o ateliê de Pitta conta com um acervo de fantasias de carnaval criadas pelo artista para o Cortejo Afro e outros blocos, com uma biblioteca e uma coleção de trabalhos de outros artistas que habitam a Sala Regina Casé, com uma coleção de tecidos estampados por ele e também provenientes de muitos países africanos. Pitta elabora projetos, desenha, pinta e serigrafa em meio a tudo isso. São trabalhos feitos a muitas mãos, com aprendizes e artistas muito alinhados num fazer coletivo. As crianças são encarregadas da trilha sonora: gritos animados, cantos, barulhos de pés dançando e correndo e de brincadeiras atravessam o lugar de trabalho do artista. Ao redor de tudo isso, três Casas de Santo (Oyá, Obaluaê, Oxalá) encantam o lugar. Impossível não se alegrar estando lá!

Por articular sua produção de maneira indissociável de toda essa multiplicidade de atividades, linguagens e instâncias vitais, por conviver com as pessoas que frequentam e usufruem da programação oferecida ou que participam de

seus projetos e agindo com rigor e uma escuta muito sensível aos processos de experimentação poética, Pitta pensa *com* arte, desde sua raiz, como uma espécie de pedagogia da alegria. O artista faz arte porque a festa pulsa em suas veias (ou seria o contrário?). Essa consciência deve vir de longe. Como argumenta a ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez, as manifestações culturais e as festas populares, como o Carnaval, são esferas onde a comunidades negras recriam suas práticas culturais, que por muito tempo foram proibidas e oprimidas em muitos espaços sociais, e, assim, imantam lugares de resistência, memória e alegria, forjam identidades e vivenciam as celebrações como um exercício que exalta o corpo em coletividade.

Pensar com arte, um verbete singular de Alberto Pitta, seria, então, produzir a partir de relações eticamente fortes com as muitas questões e agentes que o atravessam como artista e como ser humano; misturar as autonomias das matérias-primas e seguir com elas em movimento, absorvendo e respeitando seus contextos de origem; criar narrativas que re-fabulam aquelas e aqueles que representam a ancestralidade e nos ensinam sobre a continuidade da vida. Reiterando: sua prática de pensamento e produção se distingue como uma prática de criar *com* arte. E isso transparece em seu ateliê e na presença bastante vigorosa de seus trabalhos. Pitta cria porque é do axé, porque o ateliê está sempre cheio de gente, porque as crianças estão sempre lembrando que a vida segue. Pitta cria com fabulações divinas, com a pulsação do Instituo Oyá, com o Carnaval, com as musicalidades, com as manifestações afro-diaspóricas. Seu trabalho se entranha em todas essas instâncias e simultaneamente se engaja na produção desses acontecimentos.

Pois bem, se o ateliê é um locus de muitos acontecimentos, podemos pensar que o trabalho de Pitta também é um território onde muitas visualidades se dispõem à convivência. O artista, que cria instalações e telas com serigrafia, pintura e desenho no contexto da arte contemporânea, participa de importantes mostras dentro e fora do Brasil. Instalações com tecidos e objetos simbólicos, composições cromáticas, texturas, sobreposições de desenhos constituem uma miríade muito plural. Cores invadem o tecido e povoam as composições de diferentes maneiras. E as formulações espirituais são traduções visuais que apresentam as divindades, os orixás e seus ensinamentos. Um compêndio de símbolos reinterpretados pelo artista prima pela beleza das formas. As histórias primordiais contadas nas telas identificam as figuras que no passado mítico participaram dos acontecimentos e que no agora ocorrem como chaves de decifração oracular da vida. Sua produção envolve um ver como artista que rima com aprender sobre a vida.

Muitas imagens começam em traços a lápis no papel. Dali, migram para a tela, quase sempre em grande formato. O processo ocorre aos poucos, cada camada adicionada, cada cor reconfigura o espaço pictórico, enriquece-o de informação visual. Pitta cria cenas com as texturas. Estas não são apenas fundos, mas imagens que contextualizam e recebem os assuntos abordados, os personagens. Quando vistas de longe, as telas parecem transformar os personagens e os fundos num todo-paisagem. De perto, ressaltam suas muitas e pequenas texturas e estampas. A sobreposição de texturas, o “avizinhamento” de formas e a convivência de cores constituem um todo muito complexo distintas percepções da imagem. É possível perceber a delicadeza com que tudo foi pensado: um búzio, um pequeno círculo preenchido, triângulos em orientações invertidas.

Pitta trabalha nos detalhes. Por repetição, padronagem e ritmo, o artista troca a hierarquia entre os elementos, tão comum na pintura, pela fluidez. O olho caminha e se percebe num pequeno furor de imagens. Também chamam a atenção as posturas dos personagens – seres, divindades, pássaros, bichos e plantas. Estão edificados em plenitude. Alicerçados ora por blocos de cor mais parrudos, ora por texturas mais esmaecidas. São tão contundentes em sua performatividade corporal que podemos pensar o funcionamento do mundo através daquilo que olham – para fora da tela, para nós que os encaramos. Outro aspecto a ressaltar: as linhas de Pitta têm natureza movente, dançam e promovem dinamismo. Elas se assemelham aos modos do bordado richelieu no tecido. Um dentro e fora, um através, um espaço vibrante que acontece por causa da linha e com a linha. O richelieu é muito presente no imaginário do artista. Sua mãe conhecia a artesania, e Pitta cresceu entre roupas bordadas com richelieu.

Para a mostra individual realizada na galeria Nara Roesler São Paulo em setembro de 2025, o artista revisitou os arquivos de seus desenhos mais recônditos, alguns datados de mais de trinta anos. São trabalhos que integraram ensaios para livros, que habitaram padronagens gráficas, que foram feitos em horinhas de dispersão, que estamparam tecidos, e outros tantos inéditos. Todos repousavam em suas gavetas. Pássaros surgiram aos muitos entre esses guardados. Voando, pousando, coloridos, ancestrais, com formas sintéticas, com linhas mais

elaboradas, em desenhos vetorizados, em poses contemplativas, junto a paisagens, encenando acontecimentos... Eles se tornaram um assunto forte e vívido nas telas de Pitta. Pássaros são seres mensageiros, fazem o trânsito entre os humanos e as divindades, pois acessam o campo espiritual, e, assim, nos trazem boas novas e comunicam nossas mensagens. Também por seu prestígio inigualável, na ampla cultura yorubá os pássaros se apresentam como seres divinos, reverenciados por suas características e habilidades únicas. Pássaros são guardiões das comunidades, evocam energia positiva e guiam as pessoas em situações adversas. Esta reunião de obras revigora, assim, o sentido de revoada: voar em bando, como aves da mesma espécie; coreografar no céu uma coletividade; migrar junto; mover-se rumo a um destino certo.

Três pássaros aparecem com protagonismo nas telas de Pitta: Àkùko, Eiyéle e Ekodidé. Na exposição eles se espalham a partir de uma organização cromática do espaço da galeria Nara Roesler. Eles habitam a primeira série de trabalhos, na qual predominam composições em preto, branco, vermelho e amarelo, como se dessem boas-vindas ao público; em seguida explodem em cores vibrantes e composições multicoloridas, para encantar; e, por fim, acontecem na calmaria de telas brancas – onde distintos matizes de branco compõem os trabalhos. Acompanhando os pássaros, a última sala da mostra foi ambientada com bandeirolas brancas. Elementos importantes nas Casas de santo, elas são uma representação do Alá, o pano branco de Oxalá. E na mostra surgem como símbolo de pureza, leveza, proteção e fazem papel de "teto" para as obras que ali nos rodeiam. Nessas obras, Pitta reinterpreta a cosmovisão yorubá e com Àkùko, Eiyéle e Ekodidé tece associações com os ancestrais – importantes seres espirituais que já viveram no mundo físico, mas seguem suas jornadas impactando e guiando as vidas de seus descendentes.

Esses pássaros carregam consigo simbologias significativas para os ritos espirituais e são fundamentais para a cultura iorubá. É o caso, por exemplo, dos pássaros que figuram de costas em algumas obras. Segundo Pitta, todos que estão nessa postura rementem a Sankofa – um olhar para o passado para enxergar o futuro. Àkùko é outro pássaro importante no contexto da mostra. Ele é frequentemente associado a um galo – o mensageiro do tempo, que anuncia o dia, que explica a ancestralidade e afirma a continuidade da vida. Eiyéle é a pomba branca, que traz a paz, a harmonia e a bem- aventurança. Por sua elegância e plumagem, Eiyéle também simboliza honra e prosperidade. Ekodidé é a única pena vermelha de um pássaro ou o papagaio, um símbolo de proteção, vitalidade, realeza. Sua pena é um elemento natural e uma presença essencial nos rituais de iniciação, para afastar energias negativas e consagrar objetos.

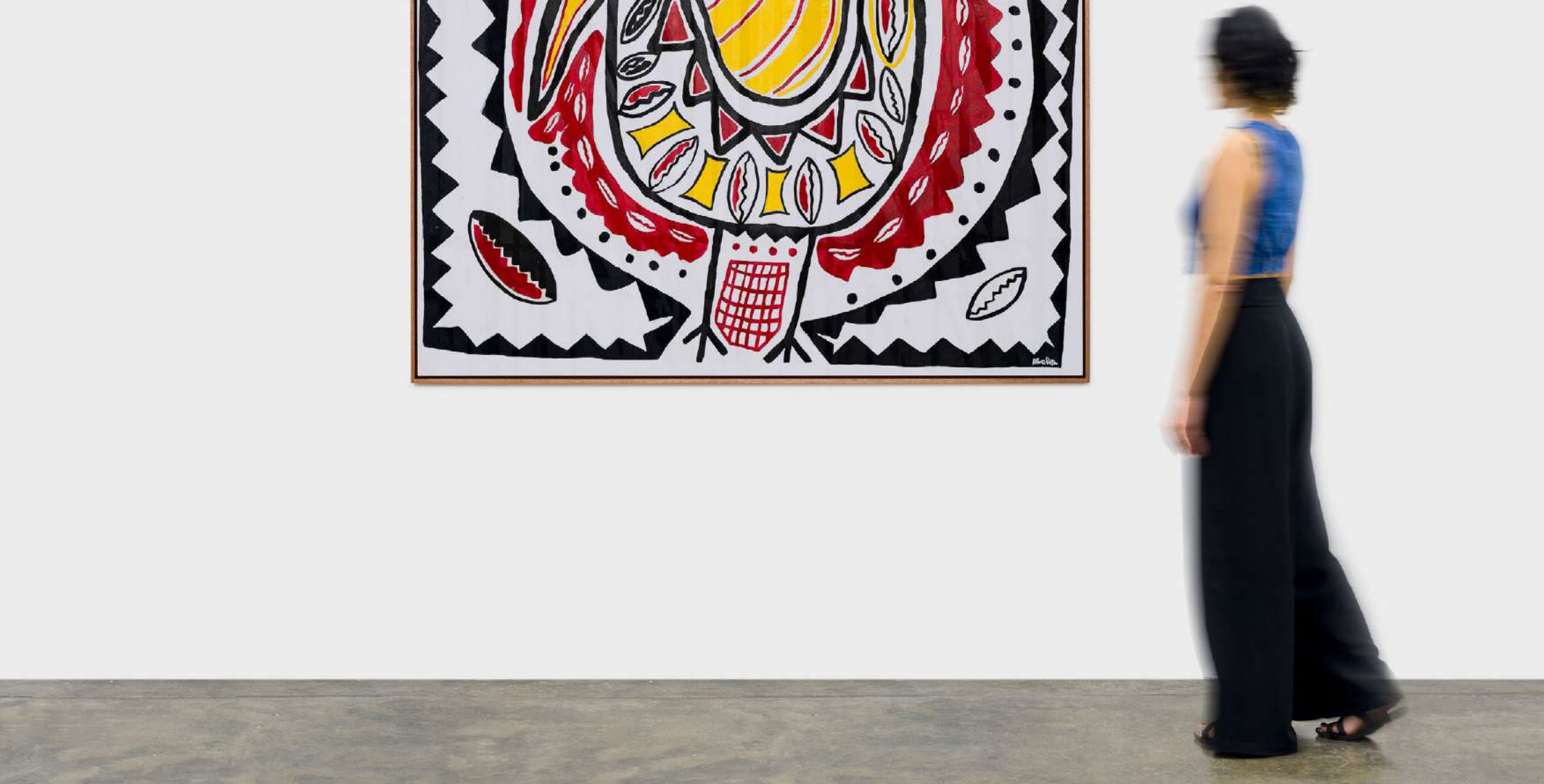
Apresentar esses seres no campo da arte é acreditar que sua revoada pode ser um sopro de transformação para reanimar os ares, reorganizar os pensamentos, renovar as esperanças, refazer as conexões. Um gesto artístico e insurgente de Pitta – como nos diz a poeta, pesquisadora e dramaturga brasileira Leda Maria Martins – é um dos que mais transtornam, pois afetam as imagens estéticas inscritas como únicas e verdadeiras. Por isso, trata-se de um gesto que, por refazer as narrativas e apresentar novos caminhos para enxergar o mundo, nos mobiliza a viver com esperança ("o fermento da revolução", o que faz emergir o novo, segundo o filósofo e professor sul-coreano Byung-Chul Han) e nos encoraja a reivindicar ambientes onde possamos celebrar, nos alegrar e regozijar.

Alberto Pitta em seu ateliê, 2025
Foto: Paula Plee

Ateliê Alberto Pitta, 2025
Foto: Paula Plee

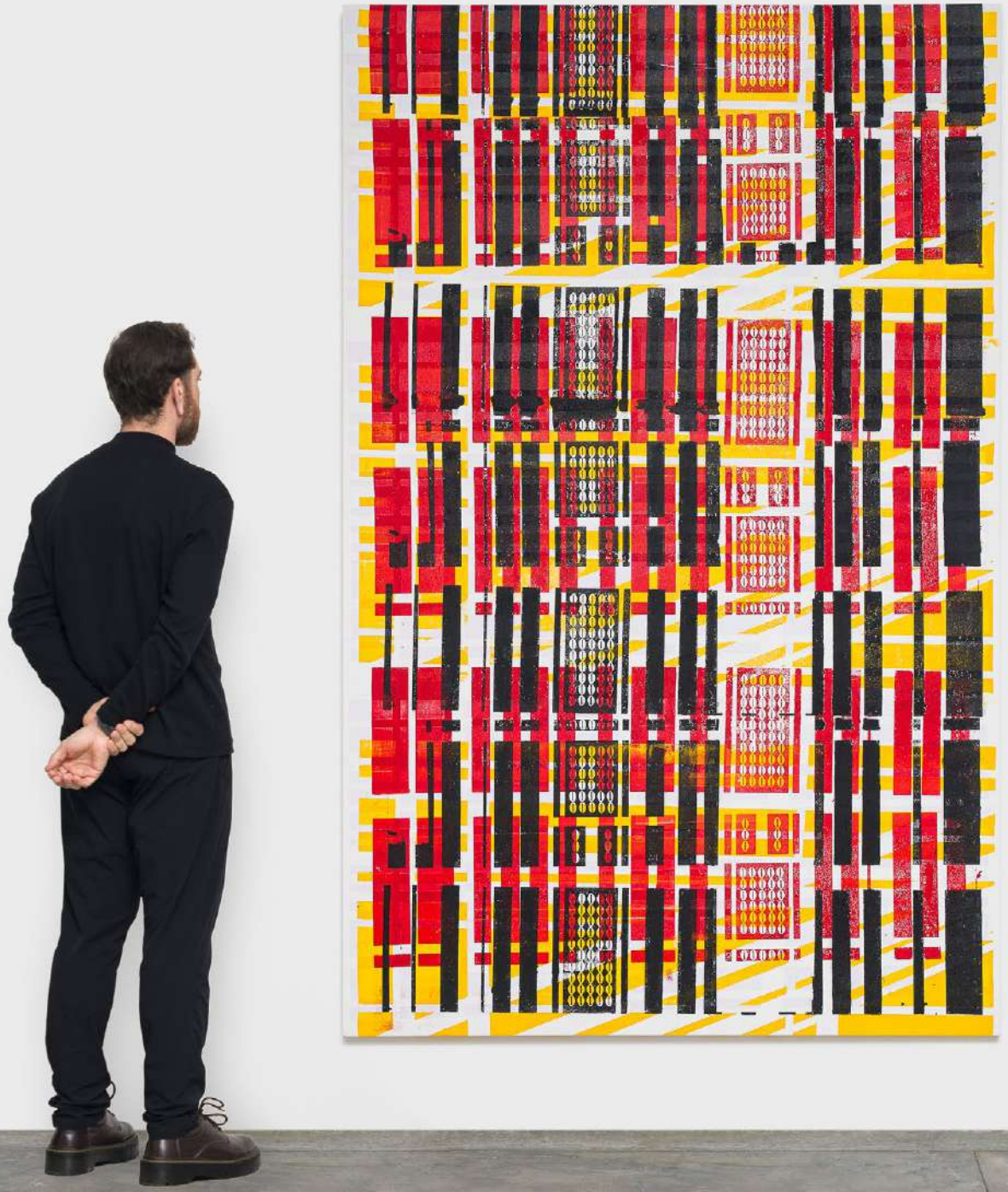
Grande Humbi (série Humbiumbi), 2023
pintura e serigrafia sobre tela
245 x 158 cm

Semente de Humbi (série Humbiumbi), 2023
pintura e serigrafia sobre tela
128 x 168 cm



vista da exposição *Àkùkọ, Eiyéle e Ekodidé, Uma renovada de Alberto Pitta*, Nara Roesler São Paulo, 2025

Encruzilhadas, 2023
pintura e serigrafia sobre tela
250 x 158 cm

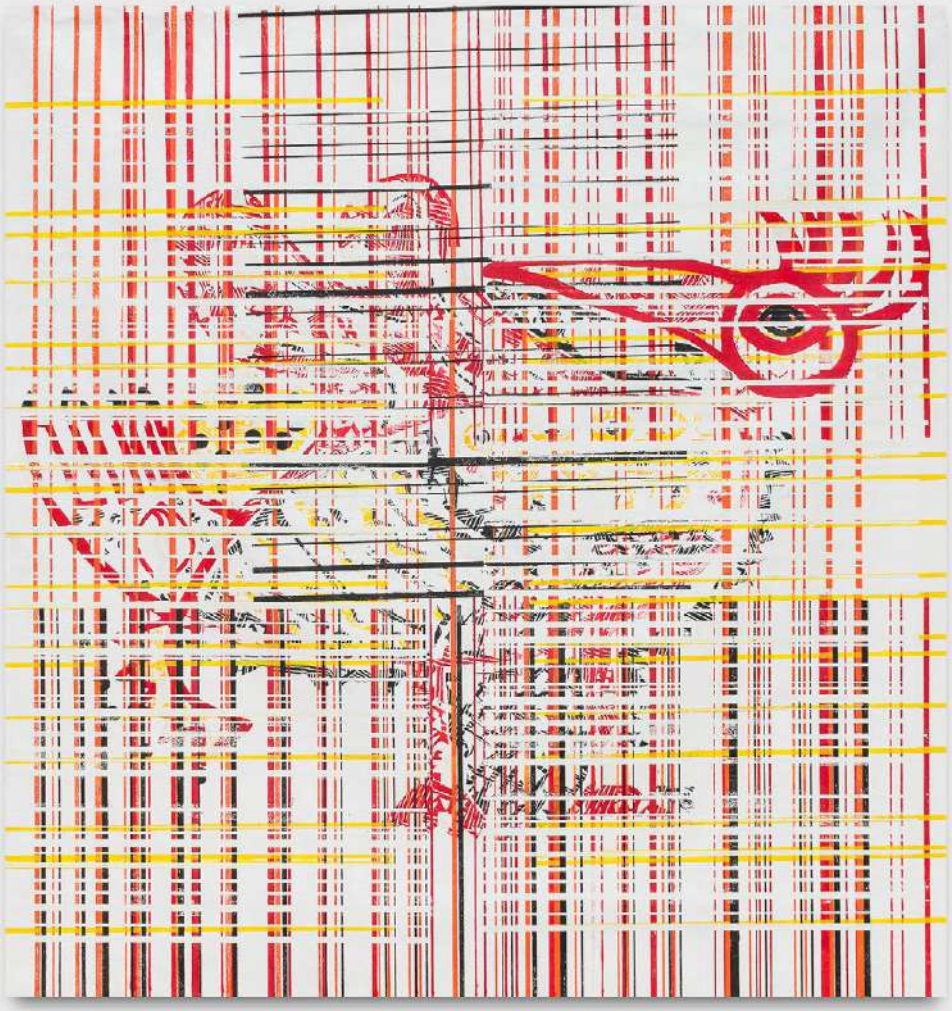


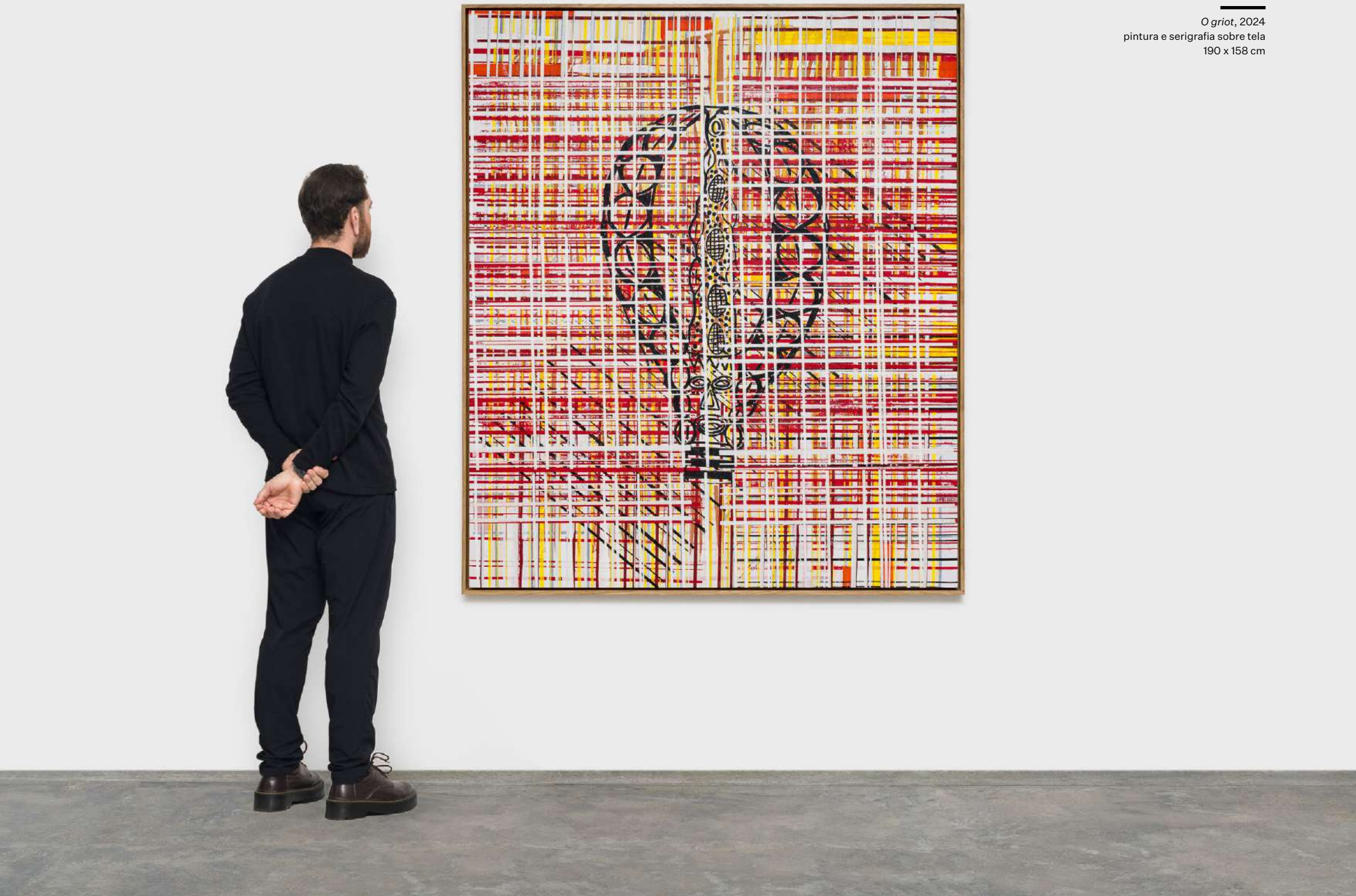
Exu Funfun, 2023
pintura e serigrafia sobre tela
250 x 158 cm

vista da exposição *Àkùko, Eiyéle* e *Ekodidé*
Uma renovada de Alberto Pitta,
Nara Roesler São Paulo, 2025

Passado Presente Futuro 2, 2024
pintura e serigrafia sobre tela
155 x 136 cm

Sankofa, 2024
pintura e serigrafia sobre tela
173 x 167 cm





O griot, 2024
pintura e serigrafia sobre tela
190 x 158 cm

O galo, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
233 x 147 x 3,5 cm

O pássaro e a árvore, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
170 x 143,5 cm

Revoada, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
179 x 141 cm

Casal de pavões, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
147 x 155 cm

O resgate do pássaro perdido, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
140 x 285 x 3,5 cm

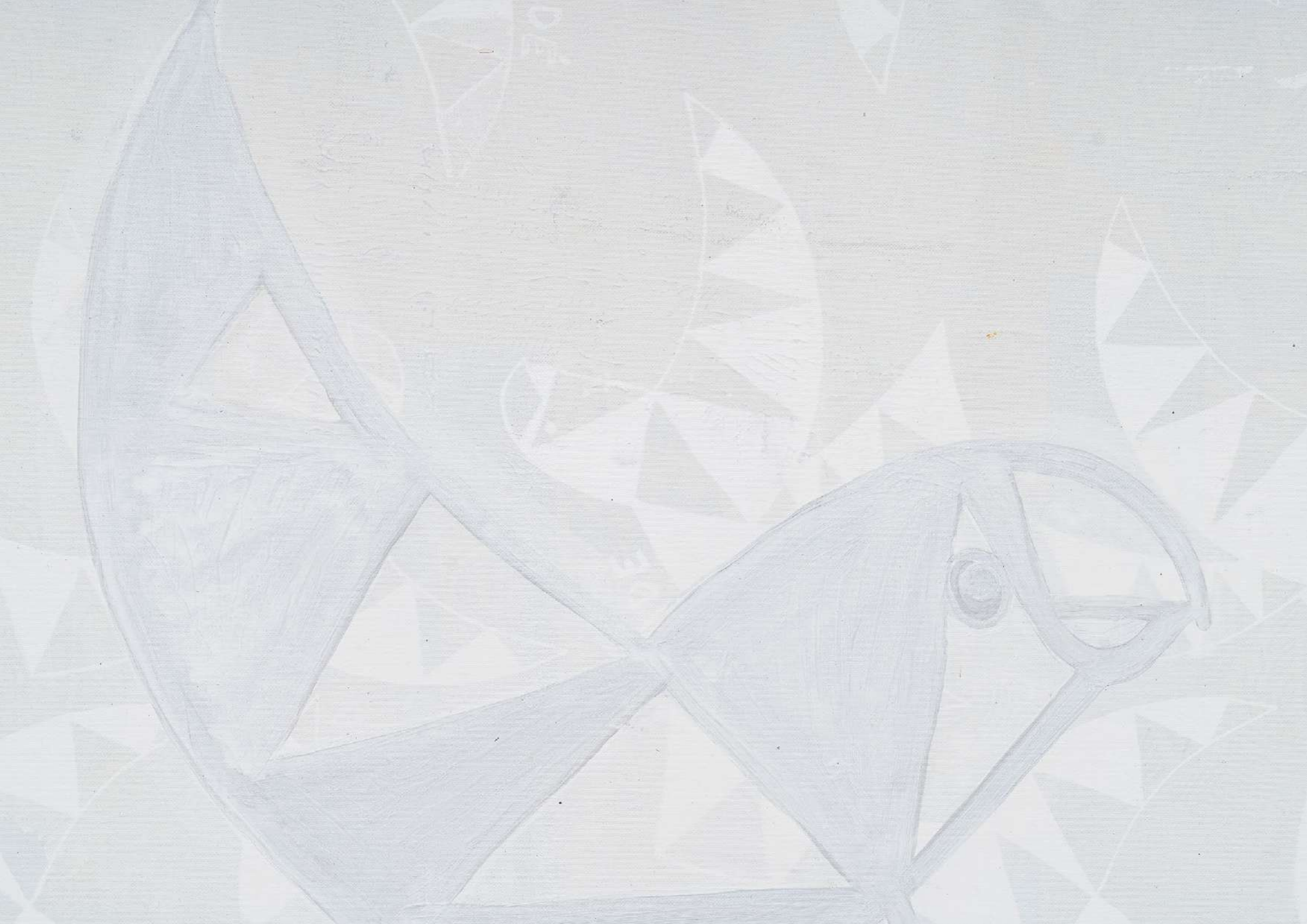
vista da exposição *Àkùko, Eiyéle e Ekodidé*
Uma renovada de Alberto Pitta,
Nara Roesler São Paulo, 2025

O resgate do pássaro perdido II, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
140 x 282 x 3,5 cm

vista da exposição *One Becomes Many,*
Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA

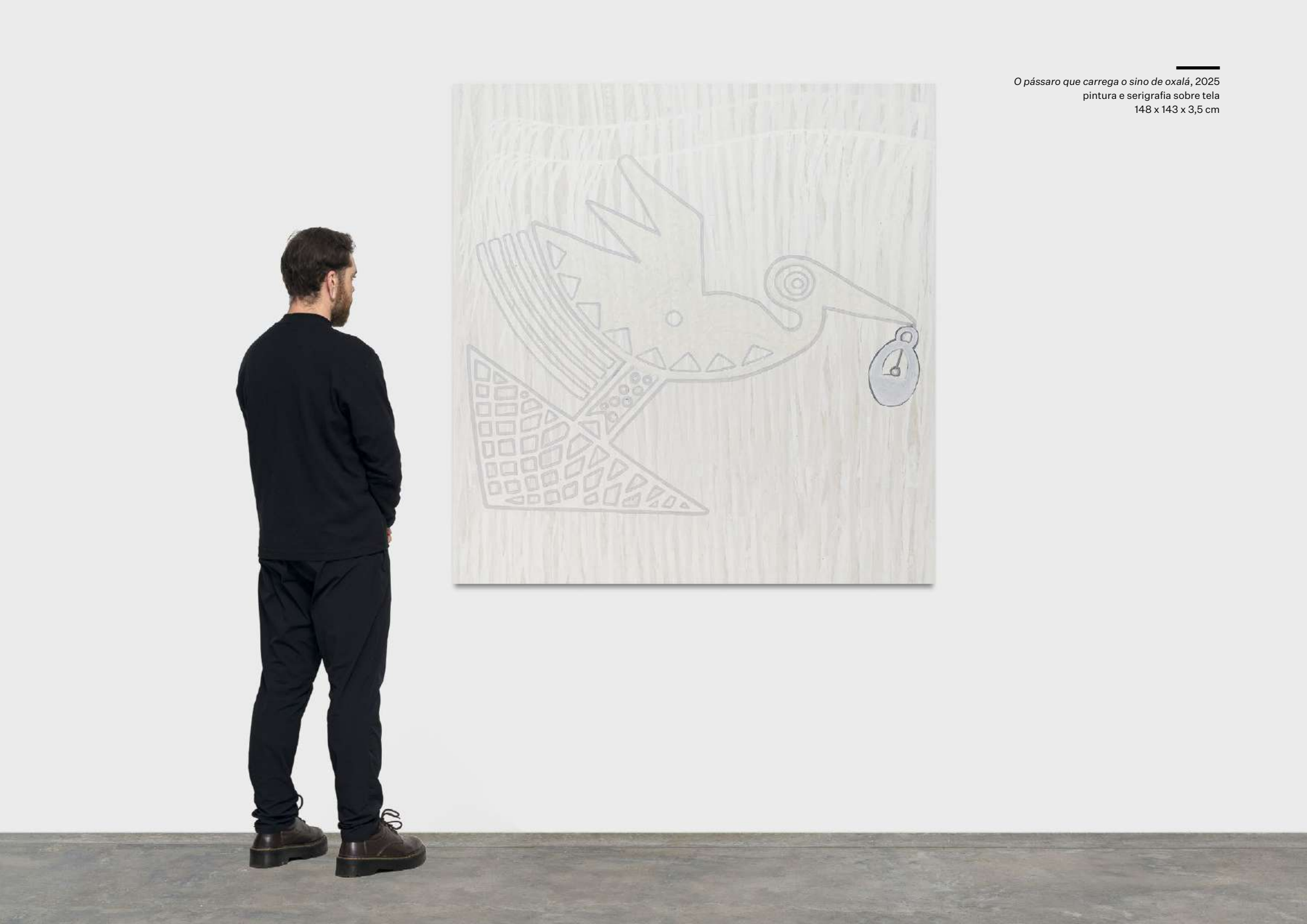
O grande pássaro, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
164 x 138 x 3,5 cm

Ekodidé, 2005
pintura e serigrafia sobre tela
187 x 143 x 3,5 cm



Passarinho, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
185 x 141,5 x 3,5 cm

vista da exposição *Àkùko, Eiyéle e Ekodidé Uma renovada de Alberto Pitta*,
Nara Roesler São Paulo, 2025



O pássaro que carrega o sino de oxalá, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
148 x 143 x 3,5 cm

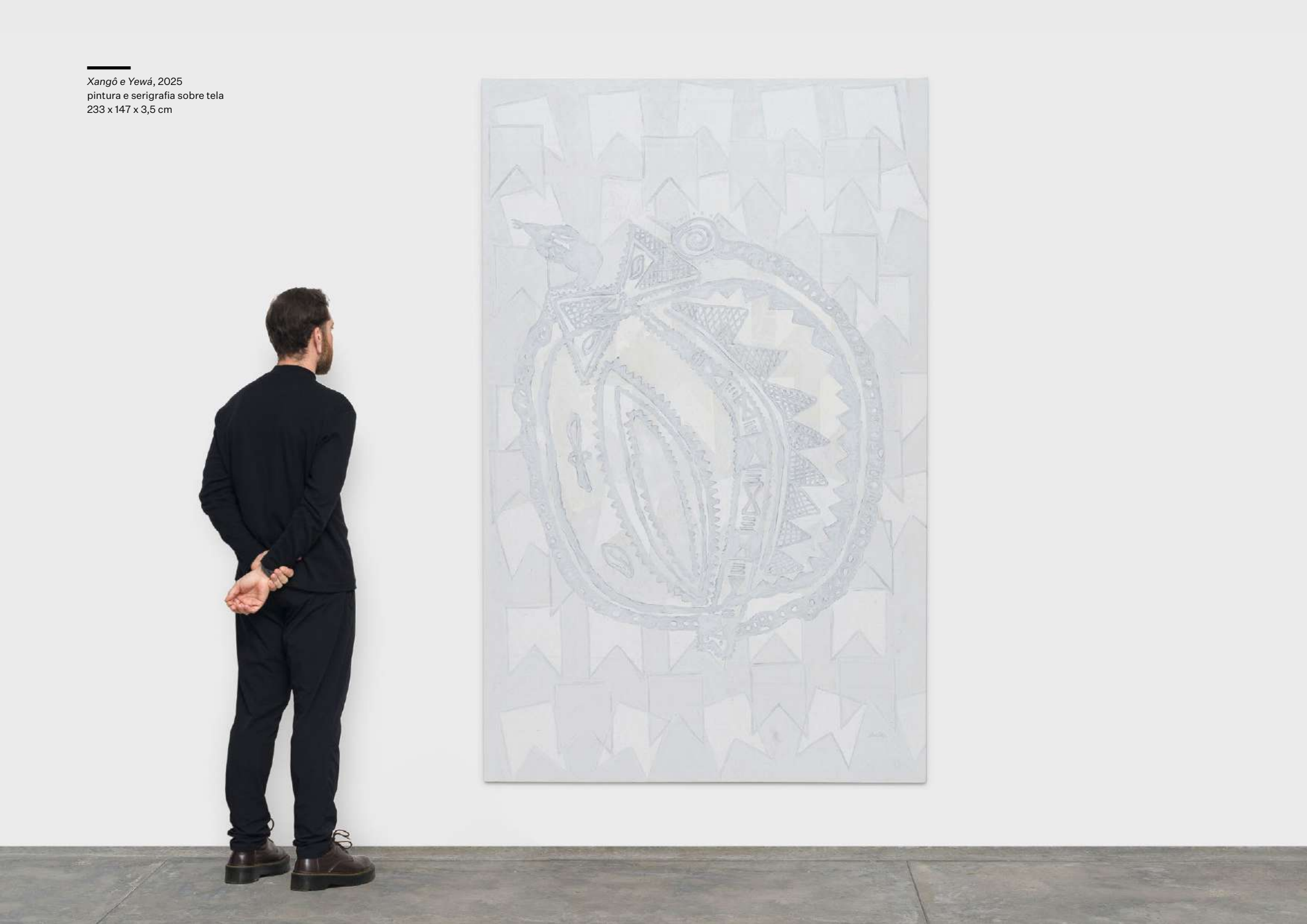
Passado Presente Futuro, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
139,5 x 136,5 x 3,5 cm

Ode às águas, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
143,5 x 134 x 3,5 cm

vista da exposição *Àkùko, Eiyéle e Ekodidé*
Uma renovada de Alberto Pitta,
Nara Roesler São Paulo, 2025

Casa de Oxalá (série Cumeeiras) II, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
182 x 163 x 3,5 cm

Xangô e Yewá, 2025
pintura e serigrafia sobre tela
233 x 147 x 3,5 cm



Cafezinho é Festa de Largo, 2025
madeira, tinta de serigrafia e garrafas de café
90,5 x 123 x 51 cm

Um dos carrinhos de cafezinho apresentados na exposição *A quitetude da Terra*, 2000. Nele já estavam presentes elementos recorrentes nos trabalhos do artista

Vista da instalação de tecidos de Alberto Pitta na 24ª edição da Biennale of Sydney, 2024

→
Detalhe dos tecidos que reiteram a temática trabalhada pelo artista ao longo de sua trajetória, como a estampa com o tema “Alegria e resistência” (2024), criada especialmente para a Biennale of Sydney, que traz um carrinho de cafezinho, e a estampa de 1996 realizada para o bloco Muzenza, que traz o mesmo pássaro que é tema do texto de Galciani Neves.

DO OUTRO A FOME TOTAL
OUTRAS CORRENTEZAS... MEU NÊGO
AFOXÉ FILHOS DO KORI EFAN
BOI DA NEIRO... FEVEREIRO E MARÇO
CARNAVAL - 1996

alberto pitta

n. 1961, Salvador, Brasil
vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia Iorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: "De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretam a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa".

exposições individuais selecionadas

- *Outros Carnavais,* Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Mariwó,* Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada,* Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro,* Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Joie Collective – Apprendre a flamboyer*, Palais de Tokyo, Paris, França (2025)
- *Artistas do Vestir: Uma Costura dos Afetos*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2024)
- *Stirring the Pot*, Casa da Cultura da Comporta, Comporta, Portugal (2024)
- 24ª Bienal de Sidney, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo,* Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Political Philosophies*, Haus der Kulturen der Welt, Berlin, Germany (2023)
- *Encruzilhada,* Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- *Um Defeito de Cor,* Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

nara roesler

são paulo
avenida europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor, 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038